

na necessidade de lançar mão de medidas extremas . . . abram os olhos todos os interessados em a nossa união . . . e não nos obriguem, não nos violentem: já temos sido muito provocados. Lembrem-se que paulistas não recuam". Derrotado o movimento, foi a oficina enterrada na estrada de Sorocaba. Anos depois, desenterrado o material, foi vendido aos irmãos João e Francisco Teodoro de Siqueira e Silva que, em abril de 1858, lançariam o semanário *Aurora Campineira*. O *Observador Constitucional*, de Feijó, deixou de circular quando o padre deslocou-se para Sorocaba a fim de participar do movimento de 1842. Como a *Sabinada*, em que influíra Bento Gonçalves, preso e depois evadido do forte do Mar, o movimento paulista e mineiro tinha ligação com o dos *farrapos*. Eram rebentos do liberalismo que declinava a pouco e pouco, triturado pelo *regresso* conservador.

Em algumas províncias, esse *regresso* começou bem cedo: no Maranhão, por exemplo. Ali, como escreveu um historiador, logo após o Sete de Abril, começou um "período de desânimo, em que desapareceram os partidos para dar lugar aos corrilhos, em que se fecharam os jornais para surgir a época do silêncio"⁽⁹⁵⁾. Esse silêncio seria quebrado, a 30 de junho de 1838, por Estevão Rafael de Carvalho que, não conseguindo reeleger-se à Assembléia Geral, no declínio do liberalismo, fundaria *O Bentevi*, na província a que voltara, abrindo, desde logo, virulenta campanha contra a situação nela dominante. Era um jornal pequeno, um quarto do formato almaço comum, impresso na oficina de José Inácio Portugal, aparecendo todas as semanas, sem dia certo: quando ia circular, avisava com foguetório grosso. Redigido por Carvalho, Francisco Baltasar da Silveira e Raimundo Cantanhede, despertava grande interesse e circulou até 6 de outubro, tirando 31 números. Provocou o aparecimento de folhas da situação, para contraditá-lo: *O Caçador de Bentevi* e *O Despertador*. Outro órgão liberal, mas de feitio diferente, seria o de João Francisco Lisboa, a *Crônica Maranhense*, que foi dotado de continuidade. Nela apareceu, a 23 de dezembro de 1838, o primeiro rebate da *Balaçada*: "consta-nos que há poucos dias uma partida de proletários (ao muito 15 homens) atacaram o quartel da vila de Manga, do qual se apossaram".

João Francisco Lisboa acompanhou, em seu jornal, o desenvolvimento da rebelião, sem penetrar as suas razões, sem explicá-las, mas não formou no coro dos que a invectivaram, capitaneados pelo órgão do governo da província, *O Publicador Oficial*. Coube a José Cândido de Moraes e Silva, no Maranhão, o papel de jornalista liberal típico. Com a sua folha, *O Farol*

(95) Astolfo Serra: *A Balaçada*, Rio, 1946, pág. 251.